

Yasmim Mendonça de Freitas Soares

**Entre o ideal e o possível: uma revisão narrativa sobre o efeito dos ideais sociais
na possível maternidade da mulher contemporânea**

**Uberlândia
2023**

Yasmim Mendonça de Freitas Soares

**Entre o ideal e o possível: uma revisão narrativa sobre o efeito dos ideais sociais
na possível maternidade da mulher contemporânea**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Juçara Clemens

**Uberlândia
2023**

Yasmim Mendonça de Freitas Soares

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Juçara Clemens

Uberlândia, 24 de novembro de 2023.

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Juçara Clemens

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Prof^a Dr^a Marisa Aparecida Elias

Escola Técnica de Saúde - Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Prof^a Ms. Bruna Caixeta Alves Teixeira

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Resumo

A inclusão da mulher no mercado de trabalho, os avanços tecnológicos e a ampliação da liberdade de escolha diante da maternidade, somou-se ao resultado do censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o qual indicou que houve uma queda na taxa de natalidade prevista. Essas informações não impedem que as mulheres continuem atreladas às representações sociais e culturais, as quais a relacionam aos trabalhos reprodutivos, tal como cuidar de crianças. O objetivo deste trabalho foi conhecer como o ideal de maternidade, construído ao longo do tempo pela sociedade, influencia a decisão e o exercício da maternidade. Para tal foi realizada uma revisão narrativa a partir da análise de artigos encontrados em plataformas eletrônicas que demonstrou que o ideal de maternidade gera uma gama de expectativas, influenciadas pelo mito do amor materno e pela imagem da mãe perfeita, criando um conflito na inserção da mulher contemporânea no mundo profissional e em relação aos seus próprios projetos de vida, diante da constante exigência da maternidade. As mães se queixam de sobrecarga, ausência de rede de apoio, culpa e solidão diante da dificuldade de experienciar as previsões do ideal de maternidade. Conclui-se que o discurso maternalista objetivando a permanência da mulher nos espaços privados socialmente destinados a elas, cria uma realidade opressiva e limitante ao desconsiderar limites físicos e emocionais na maternidade. No entanto, ao abordar o tema é necessário levar em consideração particularidades contextuais como raça, classe social, idade e a existência de experiência prévia com a maternidade, por isso, mais estudos são necessários para uma compreensão aprofundada.

Palavras-chave: maternidade, ideal de maternidade, ideais sociais, psicanálise

Abstract

The inclusion of women in the labor market, technological advancements, and an expanded freedom of choice regarding motherhood have added to the results of the 2022 census by the Brazilian Institute of Geography and Statistics, which indicated a decrease in the expected birth rate. These pieces of information do not prevent women from remaining tied to the social and cultural representations that relate them to reproductive work, such as taking care of children. The objective of this work was to examine how the societal construct of motherhood, developed over time, influences the decision and practice of motherhood. To do so, a narrative review was conducted based on the analysis of articles found on electronic platforms, which demonstrated that the ideal of motherhood generates a range of expectations, influenced by the myth of maternal love and the image of the perfect mother, creating a conflict in the integration of contemporary women into the professional world and in relation to their own life projects, given the constant demands of motherhood. Mothers complain of overload, lack of support networks, guilt, and loneliness in the face of the difficulty of experiencing the predictions of the ideal of motherhood. It is concluded that the maternalistic discourse, aiming to keep women in the private spaces socially designated for them, creates an oppressive and limiting reality by disregarding physical and emotional boundaries in motherhood. However, when addressing the topic, it is necessary to take into account contextual specificities such as race, social class, age, and prior experience with motherhood, hence, more studies are needed for a comprehensive understanding.

Key-words: motherhood, ideal of motherhood, social ideals, psychoanalysis

Lista de ilustrações**Lista de tabelas**

01. Ideal de maternidade para mulheres gestantes ou puérperas.....	15
02. Ideal de maternidade para mães adolescentes.....	20
03. Ideal de maternidade nos meios de comunicação.....	25
04. Ideal de maternidade para mulheres não-mães por opção.....	31

Sumário

Introdução.....	8
Metodologia.....	11
Resultados e discussão.....	14
Considerações finais.....	34
Referências.....	36

Introdução

A maternidade ainda é vista por algumas mulheres como o que proporcionará completude de um vazio (Patias & Buaes, 2012), e sinônimo de devoção e sacrifício (Rodrigues et al., 2009, König et al., 2008), enquanto isso, outras tentam conciliar seus próprios desejos fora do âmbito familiar e as exigências da sociedade (Nunes, 2011). O que se encontra na verdade é um cenário em que algumas mulheres encontram felicidade no exercício da maternidade, outras conseguem conciliar as exigências contraditórias e outras não são capazes de confessar o fracasso da experiência materna, ao passo que reconhecer tal fracasso ainda é repreensível (Badinter, 2011). Desse modo, a permanência da imagem da mulher atrelada à maternidade resulta em uma constante ambivalência frente ao exercício da mesma, como também na limitação das possibilidades das mulheres (Emídio & Scaliante, 2022).

Para ampliar o pensar sobre a maternidade podemos recorrer a alguns aspectos da história. No início do século XIX um novo olhar sobre o masculino e o feminino foi instituído. A partir de então, a ideia do masculino como o sexo perfeito - ao contrário do feminino - foi reinterpretada na concepção da existência de essências que diferenciam os dois sexos por conta de seus traços biológicos (Birman, 2001). Nesse cenário, a mulher por ser doce, afetuosa e passiva se tornou mais adequada do que o homem para exercer as funções da maternagem e da vida doméstica. Portanto, a maternagem não mais era só incontestável mas também de ordem instintiva: ela se tornou um dom (Birman, 2001, Federici, 2019).

Por uma perspectiva socioeconômica, a destinação dos espaços públicos e privados para homens e mulheres, respectivamente, se deu a partir do desenvolvimento do capitalismo. Segundo Federici (2017), anteriormente ao capitalismo as terras comunais exerciam a função social de subsistência, autonomia e sociabilidade para as mulheres, sendo, portanto, o centro

de suas vidas sociais. Com o cercamento das terras, as mulheres começaram a ocupar majoritariamente o espaço privado - suas casas - e o trabalho realizado ali não tinha mais o mesmo valor que o trabalho produtivo dos homens nos espaços públicos por este ser uma produção destinada ao mercado. Desse modo, houve uma separação entre a produção e a reprodução - a maternidade tornou-se uma vocação natural e “trabalho de mulheres”. Em uma tentativa bem sucedida de uma reinterpretação da hierarquização dos sexos, a mulher, portanto, fica limitada ao ambiente doméstico e ao cuidado da família, sob a dominação do marido.

A partir desse momento a reprodução passou a ser considerada como um instinto, um dever religioso e uma responsabilidade da mulher para com a sobrevivência da espécie (Badinter, 2011). Para além disso, a mulher foi ligada à maternidade pela via dos sacrifícios realizados em prol do bem-estar de seus filhos. Nessa visão, uma mulher que corresponderia ao que dela era esperado seria aquela dotada de passividade e afeto - características tidas como essenciais no cuidado de uma criança - a boa mãe aceita os sofrimentos vividos na maternidade pelas alegrias que ela fornece, amando o seu filho mais do que a si mesma (Badinter, 1985). Em contrapartida, Badinter (1985) afirma que “o instinto materno é um mito” (1985, p. 367) e que a experiência da maternidade, na verdade, é algo singular e dependente do contexto cultural e da história de vida de cada mulher-mãe (Badinter, 2011), já que ao longo de diversos momentos da história humana não foi a mãe biológica a mulher que cuidou de bebês e nem as mulheres têm um comportamento de cuidar pré-determinado, tal como outras fêmeas mamíferas.

No cenário atual o que se encontra são mulheres que sofrem influências de pressupostos do imaginário social do que seria uma boa mãe, os quais podem inclusive lhes causar sofrimento. A literatura nos apresenta alguns exemplos, tais como, aquela que

proporciona educação, que dá amor e carinho, que faz tudo pelos filhos e sente um amor incondicional (Estrela et al., 2018); as mulheres que não conseguem atingir o ideal de maternidade construído para a mulher contemporânea - “ser bonita, magra de preferência, bem-sucedida profissional e financeiramente ao mesmo tempo que mãe e esposa dedicada” (Nunes, 2011, p. 112); as mulheres que vivenciam sentimentos ambivalentes pelo maternar, ficando divididas entre seus próprios desejos e o que a sociedade colocou como um destino final para elas.

Ainda, diferentemente do que é esperado frente à ideia de que a maternidade é o ápice da realização pessoal de uma mulher e que a descoberta da gravidez seria, então, um momento de felicidade, estudos mostram que sentimentos como medo, tristeza, angústia, insegurança e negação podem estar presentes nessa ocasião (Campos & Féres-Carneiro, 2021, Leite et al., 2014, Zanatta & Pereira, 2015, Marin et al., 2011, Demarchi et al., 2017, Santana, 2009). E no exercício da maternidade após o nascimento do bebê, mesmo aquelas mulheres que desejaram e planejaram a gravidez sentiram insegurança na prática dos cuidados aos filhos (Demarchi et al., 2017, Zanatta & Pereira, 2015).

Para além, inclusive aquelas mulheres que uma vez desejaram, planejaram e acreditaram no ideal da boa mãe e nas suas implicações, a maternidade desperta sentimentos que não vão na mesma direção do ideal de maternidade, já que o estabelecimento da relação entre a mãe e o bebê é um processo de aprendizagem (Zanatta & Pereira, 2015, Marin et al., 2011, Roso & Gass, 2018, Santana, 2009, Benatti et al., 2020).

Diante da necessidade de reprodução da espécie e dos ideais do amor familiar, as mulheres eram frequentemente pressionadas a suprimir seus próprios desejos em prol da integridade e da manutenção da família e dos filhos (Birman, 1999). Mas o desejo é o motor que impulsiona o sujeito, buscando satisfação e prazer, sendo essencial para a sustentação da

vida e para o ato de querer, e uma vez que a mulher contemporânea está inserida em diferentes espaços sociais para além do âmbito privado, há possibilidades de seus desejos ganharem um novo panorama, pois hoje as mulheres possuem querereres múltiplos e diversificados. Entretanto, de frente para a norma vigente e seus meios sociais que ditam os atos na maternidade e reprovam os que vão em sua direção contrária, é possível que a culpa as acompanhe em suas trajetórias (Nunes, 2011). É na tentativa de atingirem o ideal de maternidade que as mulheres acabam por vivenciar a culpa (Campos & Féres-Carneiro, 2021, Leite et al., 2014, Pesce & Lopes, 2020).

A construção de um forte imaginário social capaz de não desvincular a mulher da maternidade, aliada a uma sociedade que as conduz na direção de desconsiderar seus próprios limites físicos e emocionais, cria um cenário em que há uma maternidade possível, cheia de prazeres e desprazeres, que choca com os preceitos do ideal de maternidade, romantizada e opressiva, influencia a decisão e o exercício da mesma. Em vista disso, o presente trabalho tem como objetivo investigar como o ideal de maternidade construído ao longo do tempo pela sociedade influencia a decisão e o exercício da maternidade, a partir de uma revisão narrativa de trabalhos encontrados em plataformas eletrônicas. Nesse sentido, a seguir será apresentado a metodologia de pesquisa utilizada.

Metodologia

O presente trabalho trata-se de uma revisão narrativa com a finalidade de aprofundamento do conhecimento científico. Segundo Rother (2007) os trabalhos que são realizados a partir da revisão usam de fontes de informações bibliográficas ou eletrônicas para obter resultados de outros autores que possam fundamentar teoricamente um objetivo. Uma das categorias de revisão é a revisão narrativa.

As revisões narrativas “são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o ‘estado da arte’ de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual” (Rother, 2007, p.1). Esse tipo de revisão utiliza de uma metodologia mais flexível e busca aberta de fontes (Cordeiro et al., 2007), portanto não é uma forma sistematizada de revisar a literatura, sendo um processo mais simplificado e podendo abordar o tema de forma livre, estando sujeita a vieses (Casarin et al., 2020), ou seja, a análise crítica dos dados segue a perspectiva do autor, resultando em uma maior autonomia do pesquisador e abrangência dos aspectos subjetivos do problema de pesquisa a ser respondido (Cordeiro et al., 2007). Além disso, permitem a atualização do conhecimento em um curto espaço de tempo, mesmo que não permitam reproduções e não forneçam dados quantitativos (Rother, 2007).

Nesse sentido, a busca de referências bibliográficas se deu a partir de portais eletrônicos - Scielo, BVS e CAPES Periódicos, e foram usadas os descritores “ideais sociais”, “representações sociais” e “psicanálise” em diferentes combinações com o termo “maternidade”. Enquanto critérios de inclusão, foram considerados aqueles trabalhos nacionais, na língua portuguesa e publicados em periódicos, que abordam a temática pela perspectiva de mulheres e que foram capazes de responder o problema de pesquisa.

Em um primeiro momento, o problema de pesquisa considerava o descritor “mulheres primíparas”/”mães primíparas”, mas a partir de uma pesquisa preliminar foi identificado que não há uma produção considerável com essa variável nas amostras de mulheres nas pesquisas. Mesmo assim, os documentos que possuem o descritor, uma vez dentro dos critérios de inclusão, foram considerados para a análise. Posteriormente, foi identificado que “ideal materno” e “ideal de maternidade” foram utilizados em alguns dos trabalhos encontrados, dessa maneira, os termos foram incluídos na pesquisa, assim como o descritor “imaginário

coletivo” e “imaginário social”, por estar presente em trabalhos que realizaram a análise por uma ótica psicanalítica.

Vale ressaltar que houve uma grande dificuldade de encontrar trabalhos que considerassem todas as palavras-chaves, portanto, a maioria dos encontrados levaram em conta apenas dois termos como “maternidade” e “ideal materno”, por exemplo. Além disso, foram usados diferentes campos de buscas para ampliar os resultados da pesquisa, portanto, os mesmos descritores e em correlações diferentes foram usados com todos os campos ou com o campo “resumo” e “título”. Pela abrangência temática na qual as palavras-chaves foram indicadas nos artigos das buscas efetuadas, não se considerou os aspectos detalhados de cada um deles para além do foco deste trabalho.

Nesse momento da pesquisa, não houve critério de exclusão quanto às datas de publicação. Inicialmente foi realizada a leitura de todos os títulos a fim de eliminar artigos científicos duplicados e posteriormente foi realizada uma leitura dos resumos, e aqueles relacionados à temática desta revisão narrativa foram lidos na íntegra e posteriormente analisados. Uma vez que o artigo estava de acordo com os critérios de inclusão, foram selecionados.

Após a seleção dos artigos, foi feita uma varredura naqueles que fossem anteriores a 2008, de forma que os artigos científicos trouxessem dados apenas dos últimos 15 anos, entendendo que o objetivo desta revisão narrativa traz a questão temporal por abordar a realidade da mulher contemporânea no exercício da maternidade.

Finalmente foram selecionados 12 artigos publicados, sendo 11 deles pesquisas de campo de abordagem qualitativa. No que se refere aos métodos utilizados nesses trabalhos, dos 12 artigos selecionados, 11 deles são pesquisas qualitativas com diversas técnicas/métodos de análise de dados, mas que se baseiam no discurso das mães, sejam por

entrevistas, intervenção psicossocial ou seus relatos em Blogs, e 01 deles é uma pesquisa de análise de imagens e representações através de revistas - não havendo, portanto, pesquisa de campo com amostras.

Ressalta-se que a pesquisa qualitativa se caracteriza por considerar os objetos em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos, por demonstrar a variedade de perspectivas sobre o objeto de estudo e levar em conta a diversidade de pontos de acordo com os contextos sociais. Além disso, o pesquisador faz parte da pesquisa, sendo levado em consideração a comunicação dele em campo, portanto, tanto a subjetividade do pesquisador quanto dos que estão sendo estudados fazem parte da pesquisa qualitativa (Flick, 2009).

Resultados e discussão

Foram selecionados das plataformas eletrônicas 12 artigos publicados entre 2008 e 2023, sendo que 06 deles foram publicados em revistas da área de Psicologia ou de Ciências Humanas, 04 foram publicados em revistas da área de Enfermagem, e 02 em revistas da área de Ciências e Saúde.

A partir da análise dos artigos foi possível identificar 04 temáticas em comum: ideal de maternidade para mulheres gestantes e puérperas, para mães adolescentes, nos meios de comunicação e para mulheres não-mães por opção, e os principais resultados de cada eixo temático foi apresentado a seguir. O termo ideal de maternidade usado nesta revisão narrativa é descrito por diferentes expressões escolhidas pelos autores dos artigos apresentados nos eixos temáticos - representações sociais do papel da mãe, representações sociais sobre ser mãe, expectativas sociais idealizadas, representações culturais de maternidade e ideal feminino de mulher-mãe, além do próprio termo ideal de maternidade.

01. Ideal de maternidade para mulheres gestantes ou puérperas

<i>Referência</i>	<i>Método</i>	<i>Principais resultados do artigo</i>
Campos & Féres- Carneiro (2021)	entrevistas semi-estruturadas	Para as mulheres entrevistadas o puerpério foi um momento de emoções intensas frente às mudanças com a chegada do bebê, ao mesmo tempo em que a quantidade de atividades que devem ser realizadas é considerado um fardo e estressante. Ao mesmo tempo em que essas mulheres exercem todas as atividades demandadas, vivenciam sentimentos ambivalentes, como o seu bem-estar, a sua tristeza, a sua paz e momentos de angústia. Outro ponto abordado questiona o mito do amor materno, ou seja, o amor que é inato, por não terem experienciado o amor pelo filho logo após o nascimento. A idealização e a visão romanceada da maternidade resultam em culpa, frustração e sentimentos de inadequação.
Demarchi et al. (2017)	entrevistas semi-estruturadas	Foi identificado que as grandes transformações com a chegada do bebê atravessam vários aspectos de suas vidas: a rotina, a dinâmica familiar, o corpo, suscitando sentimentos como medo, preocupação, estresse e cansaço. Além disso, a descoberta da gravidez se configurou como um momento de preocupação para algumas delas, e medo para outras. Para essas mulheres, ser mãe é um aprendizado e um compromisso intenso, podendo significar uma sensação de perda de liberdade ou de autonomia.
Marin et al. (2011)	Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante do Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia (GIDEP)	As gestantes entrevistadas relataram sentimentos negativos, como nervosismo, susto, desespero, ódio e solidão no momento de descoberta da gravidez. As mudanças que a presença de uma criança em suas vidas acarretaria foi entendida como uma justificativa para considerarem não continuar com a gravidez ou darem a criança para a adoção, posteriormente. A aceitação da gravidez veio após o apoio da família para algumas, enquanto outras tiveram um processo mais lento de aceitação. Mesmo assim, após o nascimento do bebê queriam ser uma boa mãe, ou seja, uma pessoa responsável e amável a todo momento. Sendo mães solteiras, a idealização da maternidade resultou em uma visão de disponibilidade e responsabilização completa pelos cuidados do filho.
Estrela et al. (2018)	intervenção psicossocial com perguntas facilitadoras	A partir da intervenção psicossocial em que foi solicitado que as participantes definissem uma boa mãe, uma mãe ruim e mais ou menos, foi identificado que ser uma boa mãe está vinculado ao cuidado, fazer tudo pelo filho e sentir um amor incondicional, enquanto uma mãe ruim é não fazer o que uma boa mãe faz, ou dar para adoção, por exemplo. As mulheres sentiram dificuldade em definir o que seriam uma mãe mais ou menos. Nesse sentido, entende-se as crenças do que é ser mãe perpassa pelo discurso de um papel social inato e pautado no amor incondicional, negando, inclusive o cansaço de outras mães do círculo social, de maneira a desconsiderar limites físicos e emocionais.

O primeiro eixo temático aborda as expressões de ideal de maternidade para mulheres gestantes e puérperas nos artigos pesquisados. A maternidade não é determinada apenas pela relação da mulher com seu bebê, mas também pela relação com os discursos sociais e com o contexto que está inserida (Guimarães & Zornig, 2022). O modo como a maternidade é vivenciada é influenciado por diversas motivações, podendo se afastar consideravelmente das expectativas criadas pelo ideal de maternidade.

Os resultados demonstram que as mulheres ainda grávidas tinham como expectativa uma realidade após o nascimento do bebê com muitas responsabilidades, o desejo de se doar e ser uma boa mãe, e o entendimento de que ser uma boa mãe estava ligado a dar o melhor para a criança, ser uma pessoa mais responsável e amável a todo o momento (Marin & Gomes, 2011). A boa mãe, para elas, seria aquela que dá educação, amor e carinho, faz tudo pelo filho e sente um amor incondicional (Estrela et al., 2018).

Entretanto, após o nascimento do filho, a realidade se desdobrou diferentemente, sendo atravessada por outros aspectos: o choro, a falta de descanso e a instabilidade emocional, além de sentimentos como preocupação, medo e estresse. O puerpério, para elas, se configurou como um período intenso pelas transformações em suas atividades diárias, em seu corpo e na dinâmica do relacionamento com o genitor da criança (Campos & Féres-Carneiro, 2021). Tais transformações as fizeram não se sentirem mais a mesma pessoa de antes (Demarchi & Nascimento, 2017).

A experiência da maternidade tem o potencial de reorganizar a identidade feminina e a mulher passa, agora, a ocupar não mais o lugar de filha, mas sim de mãe (Guimarães & Zornig, 2022). Ao mesmo tempo, é responsável por reativar a vivência inicial de desamparo experienciada no começo da sua vida através de uma dupla tarefa: a constituição da nova posição subjetiva - construção da sua identidade como mãe - e a relação desse lugar com as funções maternas - a constituição de outro sujeito, de um outro psiquismo. Pode ser esse, na verdade, considerado um momento de crise ao convocar a mulher a descobrir novas maneiras de estar no mundo (Taperman et al., 2020), pois há um rearranjo de seus investimentos libidinais, com o foco anteriormente voltado para outras esferas da sua vida cedendo lugar ao bebê e suas demandas permanentes (Guimarães & Zornig, 2022).

A partir disso, esse período pode ser conflituoso havendo inclusive a perda de uma identidade pois o que elas enfrentam é um trabalho de luto: “luto por um bebê antes parte do corpo materno e agora como objeto externo a ele; luto pela perda de um bebê idealizado e pelo encontro com o bebê real; luto pela perda de uma condição anterior; luto pela posição que a mulher ocupava na própria cadeia geracional” (Guimarães & Zornig, 2022, p. 3), e pode-se pensar que luto também pela mulher que era anterior à maternidade.

Para além disso, cuidar desse bebê implica uma tarefa de cuidado por meio de uma identificação com ele, para apreender suas reações e dar nome a elas, o que coloca em evidência a sua própria história - lembranças de como foi cuidada ou não quando pequena (Taperman et al., 2020). Nesse sentido, a dependência absoluta¹ do bebê gera responsabilidades absolutas da mãe, neste caso, pode ser angustiante e insustentável (Guimarães & Zornig, 2022): as mães entrevistadas relatam a dependência dos seus filhos como um fardo, pois a maior parte do tempo é preenchida por atividades voltadas para ele (Demarchi & Nascimento, 2017).

As transformações do século XX - acesso à educação, inserção no mercado de trabalho, aprimoramento dos métodos contraceptivos e mudanças na configuração familiar - permitiram às mulheres ocuparem diferentes posições sociais e, algumas delas, a encarar a maternidade não mais como um destino inevitável (Badinter, 2011). Mesmo que tais conquistas ainda estejam relacionadas aos movimentos feministas de certa maneira, a implementação e consolidação do capitalismo permitiu às mulheres a se inserirem no espaço público através do acesso à instrução escolar, para terem um desempenho satisfatório nas atividades laborais para que elas pudessem oferecer mão de obra mais qualificada ao sistema. Na verdade, a inserção da mulher no mundo dos homens se deu pela necessidade de mão de

¹ Para Winnicott, a dependência absoluta do bebê se dá nos primeiros seis meses de vida em que ele está em um estado de total dependência do meio, representado pela mãe ou por outra pessoa que a substitui nesse papel. O bebê desconhece o seu estado de dependência, e para ele, ele e o meio são uma coisa só (Nasio, 1995).

obra do sistema, ainda que isso de certa forma abriu espaço para lutas e reivindicações de direitos (Méndez, 2005).

Atualmente, as mulheres têm mais oportunidade de escolher seus próprios destinos, mesmo assim, o fato de estarem inseridas no mundo laboral não exclui as expectativas de devoção e sacrifício pela maternidade (Badinter, 2011). A maternidade ainda é frequentemente vista como uma capacidade intrínseca e uma vocação natural, e a sua construção social e histórica tem como estratégia o confisco e disciplinamento do corpo feminino a fim da reprodução da espécie por meio de programas governamentais e discursos ideológicos difusos e heterogêneos, principalmente através de um conjunto de representações sobre a maternidade que constroem as experiências individuais do tornar-se de mãe de cada mulher (Taperman et al., 2020).

Nesse cenário, a culpa, efetivamente, aparece de maneira coercitiva para que a mulher mãe exerça a função materna o mais próximo possível do que o ideal de maternidade espera: uma mãe que se encarrega de totalmente ou da maior parte dos cuidados do filho, que é devotada, amorosa e não expõe sentimentos ambivalentes e, por fim, pune-se por seus possíveis erros (Badinter, 2011). Os resultados indicam que as mulheres sentiram, além de insegurança e incapacidade em relação aos cuidados do bebê, e medo de rejeição por não terem desejado a gravidez (Marin & Gomes, 2011), culpa por não ter experienciado o amor materno logo após o parto - inicialmente elas apenas sentiram vontade de cuidar do filho, e o amor se desenvolveu ao longo do tempo com a convivência (Campos & Féres-Carneiro, 2021).

É esperado que essas mulheres carreguem consigo mesmas um saber natural e espontâneo de como cuidar de um bebê e ser uma mãe (Iaconelli, 2012), e esse retorno de uma natureza feminina capaz de direcionar a mulher na maternidade, no contexto da

conquista de liberdade de escolha produz a culpa: as mulheres continuam a se medir por meio do ideal de maternidade contemporâneo que não querem assumir ou se sentem incapazes de realizar (Nunes, 2011). Aquela mãe que é considerada zelosa e cuidadosa com o valioso bebê que possui é reconhecida socialmente e ocupa um lugar de pertencimento, enquanto a inserção cultural e a singularidade diante da maneira de cuidar de uma criança como uma aprendizagem são ignoradas (Iaconelli, 2012).

Verdadeiramente, as mulheres querem diversas coisas, e antes de tudo liberdade e condições para alcançarem seus desejos sem pagarem o preço da culpa. Mas aquelas mulheres que são profissionalmente ativas se sentem culpadas e sobrecarregadas, enquanto aquelas que se dedicam apenas às atividades domésticas culpam-se por não gerarem renda e não terem se realizado profissionalmente (Visintin et al., 2017).

O ideal seria a mulher caminhar na direção de seus desejos individuais distanciando-se cada vez mais do peso do ideal da maternidade (Braga et al., 2018), mas na verdade, a mulher contemporânea é exigida a ocupar dois espaços com maestria: o doméstico e o profissional. (Visintin et al., 2017).

É inegável que a inserção das mulheres no mercado de trabalho foi responsável por mudanças na organização da reprodução e nas condições do trabalho feminino. Entretanto, as mulheres trabalham ainda mais do que antes, particularmente mulheres chefes de famílias e com salários baixos. O trabalho doméstico, inclusive os cuidados aos filhos, foi transformado em um atributo natural feminino, sendo assim, espera-se que as mulheres o realizem e o façam por amor. Mas não existe nada de natural em ser dona de casa uma vez que há a socialização e treinamento dessas mulheres por anos a fio preparando-as para acreditar que uma família com marido e filhos é a maior realização de suas vidas (Federici, 2019).

Federici (2019) ainda vai além: para a autora, o trabalho doméstico do mesmo modo que foi imposto às mulheres, foi transformado numa aspiração da natureza feminina justamente para que as mulheres aceitassem trabalhar sem remuneração. O salário, para o capitalismo, significa um reconhecimento pelo trabalho realizado, e uma vez que o trabalho doméstico não é assalariado, ele não se configura como trabalho. Nas palavras da autora “é precisamente essa combinação particular de serviços físicos, emocionais e sexuais que está envolvida no papel que as mulheres devem desempenhar para que o capital possa criar a personagem específica da criada que é a dona de casa, tornando seu trabalho tão pesado e, ao mesmo tempo, tão invisível.” (p. 45).

A proposta não é negar a maternidade, principalmente pois ela se configura como algo importante para muitas mulheres, mas sim questionar a naturalização desse papel social e discutir o estreitamento de seus desejos e possibilidades frente à ideia de que a maternidade é o único destino feminino possível, pois nas demandas dos espaços públicos e privados, as mulheres tentam corresponder aos dois e aos excessos de ideais (Taperman et al., 2020).

No eixo a seguir apresenta-se as questões relacionadas aos ideais de maternidade em mães adolescentes, pois, gravidez na adolescência é uma temática com uma vasta produção literária, e a construção de uma personalidade dócil, subserviente e ligada ao sacrifício imposta às mulheres desde cedo (Federici, 2019) também influencia a maneira como adolescentes vão se relacionar com o maternar.

02. Ideal de maternidade para mães adolescentes

<i>Referência</i>	<i>Método</i>	<i>Principais resultados do artigo</i>
König et al. (2008)	entrevista semi-estruturadas	Para as adolescentes entrevistadas, ainda grávidas, a maternidade aparece como algo “natural”, e a imagem da mulher sendo bondosa e abnegada. Parece haver uma ausência de reflexão profunda frente ao assunto. Após o nascimento dos bebês, “ser mãe” para elas está ligado a algo muito bom, mas agora em conjunto com novas responsabilidades. Elas se queixam também da perda de liberdade, da dificuldade para estudar e para a inserção no mercado de trabalho.

Rodrigues et al. (2009)	entrevista semi-estruturada	A partir das entrevistas com as adolescentes foram destacadas representações sociais contraditórias sobre a maternidade, ou seja, a gravidez não aparece como algo ruim, mas ao mesmo tempo essas meninas se sentem aprisionadas por tal situação, pelas dificuldades e falta de liberdade. Além disso, a maternidade ficou ancorada nas mudanças anatômicas e fisiológicas, e com as mudanças corporais, após a gravidez, as adolescentes demonstram redução de sua autoestima.
Silva et al. (2009)	entrevistas semi-estruturadas	Para as adolescentes entrevistadas ser uma boa mãe está relacionado com a condição de atender as necessidades do bebê, e suas dificuldades estão, principalmente, ancoradas na fase de adaptação da rotina, dos cuidados diários e da amamentação. As adolescentes veem a maternidade como uma oportunidade de ascensão social, pois adquiriram a posição de mulher e mãe. Ressalta-se que a maioria das adolescentes entrevistadas possuíam uma renda familiar inferior a mil reais e mais da metade delas possuíam o ensino fundamental incompleto.

O segundo eixo temático diz respeito ao ideal de maternidade para mães adolescentes, já que o ideal de maternidade não atravessa apenas a realidade de mulheres adultas - uma vez que se configura como uma construção social -, influenciando significativamente a maneira como adolescentes vão se relacionar com a maternidade.

Chodorow (1978) nos demonstra que, a maternidade sendo uma construção social, não é efetivamente explicada pela imitação comportamental ou pela intenção individual e coerção, mas que, na verdade, “o treinamento de papéis, a identificação e a imposição certamente têm a ver com a aquisição de um papel de gênero apropriado” (p. 33, tradução nossa). O papel de gênero apropriado serve à manutenção da divisão sexual do trabalho responsável pelas diferenças de gênero, e é realizada a partir da formação das personalidades das crianças, que ocorre no seio da instituição familiar (Chodorow, 1978).

No caso da maternidade, o sistema econômico depende da reprodução, do trabalho doméstico e da desigualdade de renda entre homens e mulheres para que elas tenham como sua principal função o cuidado. As meninas são treinadas para serem mães e donas de casa, brincam com bonecas, são bombardeadas por discursos pró-maternidade e fazem “coisas de menina”. Contudo, isso não é suficiente para explicar a maternidade: a capacidade para

maternar e se sentir gratificada com esse exercício é internalizada, reforçada e construída na estrutura psíquica feminina (Chodorow, 1978).

Os relatos das mães adolescentes conseguem demonstrar a reprodução social desse papel de gênero: para elas, ser uma “boa mãe” está ancorada na ideia de uma mãe bondosa e abnegada (König et al., 2008), aquela que é responsável pelo “cuidado do filho, boa educação, carinho, bons exemplos e dedicação” (Rodrigues et al., 2009, p. 460), portanto aquela que exerce os cuidados do bebê com perfeição (Silva et al., 2009). Para além disso, a maternidade é vista como um processo natural e bonito, mesmo que venha acompanhada de responsabilidades e sacrifícios (König et al., 2008), de maneira a ser capaz de lhes ensinar sensibilidade, paciência e diferentes maneiras de lidar com os problemas (Silva et al., 2009).

Para aprofundar nessa perspectiva, pode-se considerar como, no Brasil no contexto colonial, a igreja e a medicina foram indispensáveis no processo de criação da figura feminina ligada à maternidade. Isso colaborou para a construção da estrutura psíquica feminina calcada na naturalização de seus diversos papéis sociais. Enquanto a igreja enaltecia a fecundidade e apresentava os benefícios do casamento pela ordem da moral, a ciência médica alertava os riscos à saúde da mulher caso ela não mantivesse o útero em bom funcionamento - não sendo esposas virtuosas destinadas à maternidade (Del Priore, 1993). Com esse contexto, Del Priore traça a ideia da *santa mãezinha*: a identidade das mulheres foi ligada ao papel de mãe e a uma natureza feminina pautada na passividade e na submissão - a santa mãezinha vivia para cuidar e educar seus filhos sob a norma religiosa cristã (Del Priore, 1993).

Apesar do crescente questionamento sobre a naturalização do amor materno, a visão da mãe ideal ainda é presente no senso comum (Badinter, 1985), como bem apontado pelos resultados dos artigos da tabela 02. Desse modo, pode-se pensar que a construção histórica e cultural da imagem da mãe fortemente ancorada no mito da mãe perfeita, exemplificada pela

santa mãezinha, é capaz de influenciar a visão das meninas e adolescentes sobre a maternidade e o exercício de seus papéis sociais. Entretanto, a própria realidade das jovens se configura diferentemente.

Essas jovens mães se depararam com um conjunto complexo de dificuldades e transformações em sua vida acarretadas pela maternidade (König et al., 2008). Sentimentos como tristeza, medo, incerteza e insegurança estiveram presentes na gravidez dessas meninas. Além disso, a ausência de experiência prévia com a maternidade transformou questões como a amamentação, a identificação de doenças e de motivações de choros e o próprio processo geral de cuidado, em desafios significativos (Rodrigues et al., 2009, König et al., 2008, Silva et al., 2009).

O exercício da maternidade no período da adolescência se configura de maneira complexa para além das expectativas que o ideal de maternidade impõe para essas jovens, pois resulta na interrupção da adolescência e na antecipação da vida adulta - visto que as mudanças são ocasionadas pela maternidade. A adolescência é marcada por transformações biológicas da puberdade e relacionadas à maturidade biopsicossocial, sendo, portanto, uma etapa de crises - de identidade, relacional, familiar, de auto-estima e de falta de sentido para a vida, o que significa a superação de desafios, e em conjunto com as profundas transformações que a maternidade acarreta, a maternidade na adolescência pode ser lida como uma confrontação de duas crises simultâneas (König et al., 2008).

De maneira a ampliar a visão da gravidez na adolescência como um problema de saúde pública e uma questão a ser melhor cuidada, sendo dois pontos supracitados diante o tema: a desinformação juvenil e a dificuldade de acesso de métodos contraceptivos, e as menores chances de inserção no mercado de trabalho pelo abandono escolar, Nunes (2012)

aponta que esses pontos não explicam completamente o fenômeno, de forma a ignorar a inserção social das adolescentes e a valorização da maternidade por essas jovens.

Os resultados indicam que o contexto social em que essas adolescentes estão inseridas pode agravar ou atenuar esses desafios - por exemplo, adolescentes mães com baixa escolaridade se queixam de dificuldades financeiras e preocupações em relação à educação futura de seus filhos (Rodrigues et al., 2009). E para além disso, a maternidade pode ser entendida por elas como um passo em direção à ascensão social por deixarem a condição de menina para se tornarem mães e mulheres a partir da constituição de uma família (Dias & Okamoto, 2019, Silva et al., 2009, Nunes, 2012, Oliveira, 2008), principalmente em populações de baixa renda.

Convém salientar que, a depender da comunidade em que a adolescente está inserida, desde muito cedo ela é tratada como adulta e possui responsabilidades como ajudar no sustento, manutenção familiar (Dias & Okamoto, 2019), cuidando de seus irmãos mais novos, por exemplo. Contudo, ao mesmo tempo em que para alcançar a felicidade e o reconhecimento social é necessário se destacar na esfera sexual, através das relações amorosas e pela potência no campo produtivo, financeiro e social (Calligaris, 2000), aquelas adolescente inseridas nas camadas populares têm o destaque no campo produtivo como um ideal muito distante, por isso, na tentativa de encontrar destino para suas potencialidades e suas angústias, a maternidade pode se configurar como um lugar fundamental para o seu processo de subjetivação (Nunes, 2012).

Mesmo que seja relatado pelas adolescentes sentimentos negativos, anteriormente citados, e a perda dos espaços sociais por estarem restritas ao espaço doméstico, o abandono dos estudos e a dificuldade de trabalhar (Rodrigues et al., 2009), pode-se pensar que o processo de naturalização e valorização da maternidade se torna um ideal a ser alcançado e

conservado frente à impossibilidade de constituição e articulação de projetos futuros. As adolescentes diante do desamparo encontram na maternidade um lugar a serem valorizadas e reconhecidas (Nunes, 2012), aderindo ao discurso do ideal de maternidade sem questioná-lo, o que pode se dar tanto pela inserção em um determinado estrato social ou em comunidades religiosas.

O próximo eixo temático se refere ao ideal de maternidade nos meios de comunicação, mais um dos elementos que compõem a complexidade da vida da mulher contemporânea. Essa temática foi abordada a fim de entender de que maneira as representações da maternidade nesse espaço afetam a jornada maternal.

03. Ideal de maternidade nos meios de comunicação

<i>Referência</i>	<i>Método</i>	<i>Principais resultados do artigo</i>
Vargas (2012)	análise de imagens e representações em revistas Caras de mulheres mães	O artigo tem como objetivo analisar as imagens e representações da revista Caras a fim de discutir a relação entre a exposição midiática do corpo gravídico e as representações predominantes sobre o corpo e a reprodução. A análise demonstra que nesse veículo de comunicação há uma valorização da maternidade como essência da identidade feminina.
Pesce & Lopes (2020)	estudo a partir de relatos de mulheres mães encontrados em Blogs	Por meio dos depoimentos analisados das mães, foi identificado a diferença entre a vivência delas na maternidade comparadas com as imagens e discursos sociais idealizados, que passam por uma expectativa de “perfeição” em tudo o que fazem. As mães se sentem relapsas e irresponsáveis. São retratados sentimentos de culpa e medo por não atingirem as expectativas sociais, resultando em um cenário em que as mães podem entender a maternidade apenas pelos aspectos ruins, desconsiderando aqueles que são pautados no amor. Também é identificado sentimentos de angústia pelas transformações que a chegada de um bebê implica.
Emídio & Scaliante (2022)	entrevistas semi dirigidas	Foi identificado, por meio das entrevistas com mães que seguem as “mommy influencers”, que sentimentos como dúvida, ambivalência e solidão, além da presença de cobranças, sobrecarga e preocupação em não atingir o ideal de maternidade fazem parte da realidade dessas mulheres. Para elas, sentimentos tais como pressão, sobrecarga e solidão, os quais não correspondem ao ideal da maternidade não deveriam ser vivenciados, mesmo que se sintam extremamente cobradas por esse padrão idealizado que não considera as especificidades e diferenças de cada vivência.

Retomemos a pensar as influências sobre o viver da mulher contemporânea, já que ela está constantemente em contato com os meios de comunicação digitais, por isso, o terceiro eixo temático aborda o ideal de maternidade nos meios de comunicação, que atuam não

apenas como um espaço de compartilhamento, mas também um veículo de imagens que realiza a construção, a manutenção e a perpetuação do ideal de maternidade.

Nos dias atuais, para além do constructo acerca do ideal de maternidade realizado ao longo da história por meio de dispositivos sócio-políticos, as mídias convencionais e a *Internet* tem um caráter influenciador na maneira que é internalizado e experienciado a maternidade pelas mulheres (Emídio & Scaliante, 2022), por se configurar como um lugar de produção de sentido com grande oferta de informações direcionadas a sinalizar a maneira mais adequada de exercer a maternidade e o que é ser mãe (Tomaz, 2015). Por isso, pode-se entender que as mídias para além de construir a idealização da maternidade, age como um dispositivo de transmissão e manutenção do mito da mãe perfeita.

No final do século XIX a mídia brasileira, através dos jornais, já tentava ensinar a mãe a educar o futuro cidadão da República brasileira através do conhecimento que a ciência poderia transmitir, e não mais das antepassadas dessas mulheres mães (Tomaz, 2015). Já na segunda metade do século XX, a gravidez se traduz como um espetáculo através dos ensaios fotográficos, havendo hoje uma grande exaltação da experiência da gravidez como algo ligado à identidade feminina: nas imagens, a mãe e o pai da criança são retratados com suas mãos apoiadas no ventre da mulher (Vargas, 2012).

Vargas (2012) nos demonstra a partir de sua pesquisa como a valorização da maternidade pela exposição do corpo da mulher grávida, principalmente nas revistas de grande circulação destinadas ao público feminino que atinge diferentes estratos sociais, é capaz de afirmar, ao mesmo tempo, a liberdade de escolha da mulher contemporânea, e a autorrealização pela gravidez. As imagens, neste meio de circulação, atrelam a imagem do corpo grávido às campanhas publicitárias e através de personalidades famosas e midiáticas, demonstrando apenas o lado positivo da maternidade. Portanto, mesmo que a mulher

contemporânea se configure como uma nova mulher, principalmente por sua inserção no espaço público, ela ainda é vista sob a mesma ótica da mãe idealizada (Azevedo & Arrais, 2006), ao que Iaconelli (2023) destaca por serem mulheres brancas, de alta classe financeira na qual a maternidade é muito estimulada, ou seja a mãe padrão-ouro, como a autora citada nomeia.

Atualmente, para além do conhecimento científico de diferentes profissionais no meio midiático, a transformação das redes sociais em meio de trabalhos criou os influenciadores digitais. Estes indivíduos que faturam com as plataformas “são capazes de influenciar, formar opiniões, transmitir confiança e servir de referência para seus seguidores” (Emídio & Scaliante, 2022, p. 3), e nada haveria de problema nisso se as imagens que circulam através desses influenciadores não passassem pela mesma ótica da perfeição e do ideal materno.

Nesses espaços virtuais o que é mostrado possui grande relevância, por isso, esses indivíduos, a partir das imagens que veiculam de si, tentam não só se comunicarem com quem as veem, mas também se adequarem ao meio para ganhar reconhecimento. Assim, para garantir esse movimento de aprovação e construção da própria identidade no espaço, é comum imagens com boa aparência, satisfação e realização de algo que os outros poderão achar interessante (Souza, 2018).

As mulheres mães buscam as *mommy influencers* e tendem a manter contato frequente com elas pelo sentimento de desamparo diante a ausência de modelos de maternidade que reconheçam a singularidade desse momento repleto de desafios (Emídio & Scaliante, 2022). No entanto, frente à necessidade de aprovação da própria imagem, esses espaços são palco de exibição de uma maternidade perfeita: “mães felizes, bebês risonhos, amamentação espontânea e sem dificuldades”, que não corresponde necessariamente à realidade (Pesce & Lopes, 2020, p. 207), principalmente da mulher negra, periférica e de baixo poder aquisitivo.

O nascimento de um filho pode ser responsável por suscitar nas mulheres sentimentos contraditórios com a imagem idealizada de maternidade, causando um conflito entre o ideal e o vivido, entretanto, a ausência de espaço para a discussão da ambivalência materna pode suscitar culpa e frustração (Azevedo & Arrais, 2006), como bem apontado pelos resultados dos artigos da tabela 03: algumas mulheres mães compararam sua própria experiência na maternidade com o que era apresentado nas redes sociais. Mesmo aquelas que não faziam essa comparação, devido à percepção de que seus contextos eram distintos, em algum momento experienciaram sentimento de culpa por não corresponderem às expectativas. Elas se culpam por não proverem financeiramente o que as *influencers* conseguem, e, também, comparam o desenvolvimento dos filhos das mesmas com os dos próprios (Emídio e Scaliante, 2022).

Frente à ausência de espaço para a discussão da ambivalência materna, outro grupo de mulheres mães usam os meios de comunicação com a proposta de romper com a lógica da perfeição na experiência da maternidade e contestar o ideal de maternidade através do compartilhamento de suas angústias, de expor o não dito. Para elas, a discrepância entre o que o ideal materno e suas imagens criam como expectativas, e a realidade das experiências maternas está relacionado com o fato da sociedade e os meios de comunicação as fazerem acreditar na existência de uma mãe perfeita e que a maternidade é um instinto, gerando frustração frente às dificuldades (Pesce & Lopes, 2020).

Micelli-Baptista et al. (2017) apontam que é esperado no exercício da maternidade que as mulheres cuidem de seus filhos de modo perfeito, se mantenham profissionalmente ativas, gerando rendimento financeiro e esteja de acordo com os padrões de beleza da atualidade, além de cuidar do lar e da relação conjugal. Contudo, ao passo que as mães identificam não estarem conseguindo realizar todos os requisitos, sentem que estão falhando,

podendo sentir vergonha e culpa. Na mesma linha, Parker (1997) defende que amor e ódio são sensações experienciadas de maneira geral pelas mães, e acredita que a dificuldade em enfrentar sentimentos tão contraditórios é o que gera a culpa. Para a autora, a culpa dificilmente assumida pode levar as mulheres mães a dirigir tal hostilidade para si próprias.

Portanto, pensando que a mulher contemporânea possui outros desejos e alternativas para se realizarem (Azevedo & Arrais, 2006), sendo a maternidade não mais considerada como o único modo de ser afirmar como mulher, a presença de um filho, ou ainda, o desejo por ele, pode ser conflitante com outras esferas de sua vida (Badinter, 2011). Desse modo, é coerente que a angústia seja constatada pelas mulheres mães quando percebem que a existência de um filho em suas vidas pode comprometer seus outros espaços, como o profissional, e que talvez isso signifique um adiamento de seus planos individuais (Pesce & Lopes, 2020).

Nesse sentido, também há relatos de mães que desejaram viver sem o filho e de se livrar das responsabilidades da maternidade - questionaram-se por que tudo tem que ser tão difícil -, e sentem solidão mesmo com a presença constante do bebê (Pesce & Lopes, 2020). As transformações culturais, para além da participação no mercado de trabalho e o aprimoramento dos métodos contraceptivos, mas também a nova configuração familiar nas cidades urbanizadas, pode distanciar as mulheres de sua família de origem, resultando em um contexto em que a solidão e o desamparo, além de não serem elaborados através de uma rede de apoio efetiva, são intensificados sem uma base identificatória (Taperman et al., 2020).

Diante de dificuldades os pais procuram especialistas ou conteúdos na *Internet* para lidar com suas angústias (Taperman et al., 2020), como também direciona as mulheres ao meio digital para obter sustentação e identificação e criar uma rede de apoio capaz de validar e ajudá-las a superar os desafios da maternidade (Souza, 2018).

Façamos uma adição a respeito dessa discussão considerando que a atual ausência e indiscutível importância da rede de apoio para as mulheres mães, é abordada nos artigos dos demais eixos temáticos: mulheres mães revelam que uma rede de apoio, para elas, foi fundamental e que precisava ser cuidada também, não só seu bebê, sendo a sua mãe o principal apoio emocional (Campos & Féres-Carneiro, 2021); o auxílio dos familiares e companheiros com as novas demandas e afazeres, primordialmente no puerpério, foi uma necessidade para algumas delas (Demarchi et al., 2017). Ao mesmo tempo, as adolescentes mães sentem-se abandonadas e sozinhas pela falta de apoio do companheiro (Rodrigues et al., 2009), e as inseguranças frente aos cuidados do bebê mostram a necessidade de apoio do seu meio relacional (Silva et al., 2009).

Iaconelli (2023) traz uma nova camada nessa discussão, defendendo que a divisão biológica dos sexos usada como justificativa para a divisão do trabalho e por manter a mulher como a principal cuidadora da prole, através de uma excessiva responsabilização e valorização de seus cuidados, tem como função retirar da sociedade a responsabilidade pela economia reprodutiva e pelas crianças. A autora reitera que o maternalismo é “o discurso que a sociedade adota para justificar e dar apoio às mulheres - mas não todas - historicamente reduzidas à função de mães e trabalhadoras domésticas não remuneradas, no exercício de tarefas imprescindíveis para a consolidação e manutenção do capitalismo e da reprodução social.” (Iaconelli, 2023, p. 80). Ainda acrescenta que a verdadeira igualdade na divisão de tarefas apenas ocorrerá com a responsabilização coletiva das crianças, incluindo família, Estado e sociedade.

Embora a igualdade de gênero continue como um objetivo a ser alcançado, as transformações socioeconômicas permitiram-lhes tomar decisões mais autônomas em relação às condições de suas vidas e seus corpos, e isso inclui o direito de escolher não ser mãe. Por

isso, o eixo temático a seguir se dedica à análise do ideal de maternidade para mulheres não-mães por opção.

04. Ideal de maternidade para mulheres não-mães por opção

<i>Referência</i>	<i>Método</i>	<i>Principais resultados do artigo</i>
Patias & Buaes (2012)	entrevistas semi-estruturadas	Para as entrevistadas a maternidade representa renúncias e sacrifícios, além de não ser a garantia de uma família feliz, contrariando o imaginário do qual ter um bebê pode ser a completude para uma mulher. Para elas, a responsabilidade eterna e o compromisso que recai primordialmente sobre a mãe de ter um filho, é tratado como uma escolha. Essas mulheres escolheram não ter filhos por uma negação do que é culturalmente entendido como o papel da mãe frente à maternidade, mas também pela ambivalência, cobrança e as consequências de terem um filho.
Machado et al. (2019)	entrevistas com o método de história oral	As entrevistadas não têm filhos e expressam que mesmo com a inserção no mercado de trabalho, as mudanças culturais e a conquista de independência, em algum momento de suas vidas imaginaram que seu caminho seria se casar e ter filhos. E agora, uma vez que não fizeram essa escolha, enfrentam preconceitos. A maternidade é considerada como uma das maneiras de obter satisfação, e precisa estar ligada aos seus desejos para ser efetivada, não sendo, portanto, uma obrigação ou condição para ser mulher. Além disso, a maternagem com indivíduos próximos a essas mulheres aparece como uma alternativa para a escolha de não serem mães, podendo também ser justificada por não terem filhos.

Com as conquistas femininas, as mulheres possuem novos modos de subjetivação que não sejam apenas pelo viés da maternidade (Patias & Buaes, 2012). Badinter (2011) sublinha que o desejo de ter filhos não é uma constante e nem universal, de modo que novas aspirações, incluindo a de natureza profissional, fazem parte do projeto individual da mulher contemporânea. Esse cenário atual tem levado ao aumento da prevalência da decisão de não ter filhos (Patias & Buaes, 2012), de modo que o quarto eixo temático refere-se ao ideal de maternidade para mulheres não-mães por opção.

Com a transformação da concepção acerca da infância e sua supervalorização na civilização moderna, a mulher e a mãe tiveram seus investimentos direcionados para o ambiente doméstico e a criação das gerações futuras. O preço a ser pago diante desse contexto foi a redução da potência existencial das mulheres, através de um sacrifício libidinal que foi direcionado para a figura da criança, muito bem exemplificado pelas mães que possuem dificuldade de separação da mãe com o filho quando maior (Birman, 2009).

Contudo, uma vez que a maternidade não se constitui mais como um destino natural para elas, diante da evidência do ser desejante que são, fica claro que uma criança não será responsável por suprir a falta da mulher, principalmente, pois sempre há algo a mais a se buscar (Braga et al., 2018).

As mulheres não mães por opção entrevistadas afirmam que as transformações sociais modificaram a concepção delas sobre a maternidade, relatando que o uso da pílula anticoncepcional feito por elas anteriormente era visto com aversão e espanto, mas que hoje elas recusam a identidade exclusiva da maternidade através de uma independência conquistada pela inserção no mercado de trabalho (Machado et al., 2019).

Para além disso, a inserção no universo laboral - o que lhes proporciona satisfação - resulta em um questionamento do discurso que concebe filhos como o destino natural das mulheres e o caminho da plenitude. Ao se negarem a assumir o papel de cuidadora dos filhos, da família e do espaço doméstico, também negam a identidade materna. Para elas, a maternidade não é a realização máxima de uma mulher. Ela deve, na verdade, ser uma escolha que independe do retorno que isso proporcionará e ter um filho para preencher suas necessidades seria egoísmo (Patias & Buaes, 2012).

Com a maior liberdade de escolha dessas mulheres, a maternidade ser considerada como o único destino feminino possível, estreita suas opções, fazendo-as, inclusive, questionar se é possível conciliar o lugar de mãe e mulher (Braga et al., 2018). O preço proposto na disputa entre ocupar o lugar de mãe ou de mulher faz as mulheres escolherem não ter filhos (Iaconelli, 2023), sendo o filho considerado um fardo por competir com as demais esferas de suas vidas (Birman, 2009), mesmo que essas mulheres tenham desejado serem mães em algum momento de suas vidas.

A maioria dos pais não sabem quais foram as próprias motivações para ter um filho, podendo considerar que a decisão é baseada primordialmente no afetivo, no normativo e nas pressões sociais, sem considerar os benefícios e os sofrimentos (Badinter, 2011). Iaconelli (2023) reitera que, quaisquer que sejam as motivações conscientes e inconscientes, a mesma sociedade que faz a mulher escolher entre a maternidade e a carreira profissional, não cria condições para o cuidado das crianças de forma a retirar toda a responsabilização insustentável delas. Portanto, a maternidade como ainda é hoje, pautada na ideia de que os desejos femininos estão direcionados à família e às crianças apenas, faz com que mulheres, mesmo querendo ter filhos, escolham não os ter (Iaconelli, 2023).

A preocupação de ter um filho no mundo dá lugar ao esquecimento de si mesma, e ignora o outro lado da maternidade: cansaço, frustração, solidão e culpa (Badinter, 2011), e aquelas mulheres que escolheram não ser mães nos relembram do não dito da maternidade ao apontarem que encaram a existência de um filho como um novo compromisso, como algo que as demandará um trabalho exaustivo e que compromete seus projetos futuros pela eterna responsabilidade, considerado inclusive uma modalidade de profissão o maternar (Patias & Buaes, 2012).

Destaca-se que a escolha pela não maternidade não se aplica universalmente a todas as mulheres, sendo sua adesão influenciada pelo contexto histórico, econômico, social e cultural em que elas estão inseridas (Patias & Buaes, 2012). Desse modo, as mulheres podem optar por não ter filhos por não se identificarem com a maternidade e terem outras fontes de satisfação, ou por ter uma visão de mundo que não abrace a ideia de a maternidade ser uma condição de ser mulher, ou ainda por simplesmente nunca terem desejado ter filhos (Machado et al., 2019).

Mesmo que atualmente haja novas maneiras de abordar o feminino e os modelos culturais e sociais estejam cada vez mais desmistificados, falar apenas dos aspectos de melhora no contexto feminino ignora as diversas camadas do discurso maternalista mantenedor da desigualdade de gênero (Iaconelli, 2023). Por isso, ressalta-se que a outra face da experiência das mulheres não mães por opção é o preconceito: ao recusarem que suas identidades sejam atreladas à maternidade, são consideradas anormais, fora dos padrões e que fizeram uma escolha infeliz (Patias & Buaes, 2012). Adicionalmente, elas são constantemente convidadas a ocupar algum lugar de maternagem tendo como justificativa o fato de não terem filhos (Machado et al., 2019).

A maternagem não se constitui apenas pelo papel executado de uma mãe para com seu filho: pode ser entendida também como uma relação pautada no afeto e desejo de cuidar. Dessa forma, é socialmente estimulado um devotamento das mulheres não mães a outras pessoas próximas - como sobrinhos, pais e irmãos mais novos, desconsiderando qualquer interesse no conjunto de responsabilidades e demandas desse papel de cuidadora. Vale ressaltar que esse tipo de maternagem pode tanto configurar uma forma de compensar o desconforto da não maternagem, quanto estimular a escolha de não ter filhos, uma vez que já se tem uma amostra do que poderia ser a sua vivência enquanto mãe (Machado et al., 2019).

Considerações finais

A maternidade, na realidade, difere significativamente das expectativas criadas pelo ideal de maternidade: o cansaço, a culpa, frustração, tristeza e solidão são apenas alguns dos sentimentos citados pelas mães, sejam elas adultas ou adolescentes. Os desafios que as mães enfrentam são frequentemente agravados pelo ideal de maternidade, levando-as a se culparem e se sentirem inadequadas. Isso ocorre devido à dissolução das redes de apoio frente à

valorização do discurso científico e dos padrões de vida modernos, bem como à percepção tradicional do papel materno como sinônimo de devoção, sacrifício e amor incondicional.

As concepções ligadas ao discurso maternalista parecem influenciar desde a escolha de ter um filho, com a promessa de auto realização, preenchimento de um vazio e reconhecimento social, até sua vivência prática. Isso transforma as mulheres em mães com habilidades inatas de forma equivocada, gerando sentimentos de culpa e desamparo, a fim de direcioná-las predominantemente para o ambiente doméstico e o ciclo de cuidado com os filhos, marido e casa.

Também foi possível com esse trabalho destacar que aquelas mulheres que adotam uma abordagem crítica ao ideal de maternidade imposto a elas podem seguir alguns caminhos, aqui, cita-se dois: a procura de identificações por meio do compartilhamento da própria experiência em espaços digitais, a fim de amenizar o desamparo e as conduzirem na construção de um novo olhar sobre sua realidade; e a rejeição da ideia de ser mãe. Entretanto, mesmo assim, ressalta-se a força da construção do imaginário social calcado em uma personalidade feminina dócil e subserviente capaz de realizar cuidados com maestria, que designa as mulheres não-mães para um lugar aquém do padrão, mas que de qualquer forma imputa nelas a responsabilidade de cuidar dos demais membros da comunidade.

Por fim, é importante pontuar que esta revisão narrativa teve como limitação a falta de consideração das particularidades de contexto ao analisar o discurso materno, uma vez que, não apenas a questão da desigualdade de gênero exercerá impacto na realidade das mulheres, mas também a classe social que está inserida, sua raça, idade, a orientação sexual e se são mães primíparas ou multíparas.

Referências

- Azevedo, K. R. & Arrais, A. R. (2006). O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2).
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Badinter, E. (2011). *O Conflito: A mulher e a mãe*. Rio de Janeiro, Record.
- Benatti, A. P., Pereira, C. R. R., Santos, D. C. M. & Paiva, I. L. (2020). A maternidade em contextos de vulnerabilidade social: papéis e significados atribuídos por pais e mães. *Interação em Psicologia*, 24(2).
- Birman, J. (1999). *Cartografias do feminino*. São Paulo, Editora 34.
- Birman, J. (2001). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2009). Pacto perverso e biopolítica. *Psic. Clin.*, 21(2).
- Braga, R. C., Miranda, L. H. A. & Correio, J. P. C. V. (2018). Para além da maternidade: As configurações do desejo na mulher contemporânea. *Pretextos - Rev. da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3(6).
- Calligaris, C. A. (2000). *A adolescência*. São Paulo, Publifolha.
- Campos, P. A. & Féres-Carneiro, T. (2021). Sou mãe: e agora? Vivências do puerpério. *Psicologia USP*, 32.
- Casarin, S. T., Porto, A. R., Gabatz, R. I. B., Bonow, C. A., Ribeiro, J. P. & Mota, M. S. (2020). Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*, 10(5).
- Chodorow, N. (1978). *The Reproduction of Mothering*. University of California Press, Ltd. London, England.
- Cordeiro, A. M. & Oliveira, G. M. de. (2007). Revisão sistemática: Uma revisão narrativa. *Comunicação Científica*, 34(6).
- Del Priore, M. (1993). *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*. Rio de Janeiro, José Olympio.
- Demarchi, R. F., Nascimento, V. F., Borges, A. P., Terças, A. C. P., Grein, T. A. D. & Baggio, E. (2017). Percepção de gestantes e puérperas primíparas sobre a maternidade. *Revista de Enfermagem UFPE On Line*, 11(7).

- Dias, A. C. & Okamoto, M. Y. (2019). Uma leitura Psicanalítica da gravidez na adolescência. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 10(1)*.
- Emídio, T. S. & Scaliante, G. B. (2022). O ideal de maternidade nos espaços virtuais: um estudo sobre a percepção da maternidade de “mommy influencers” no Instagram. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 13*, p. 01-21.
- Estrela, J. M., Machado, M. da S. & Castro, A. (2018). O “Ser Mãe”: Representações Sociais do papel materno de gestantes puérperas. *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia, 12(42)*.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo, Elefante. Tradução de Coletivo Sycorax.
- Federici, S. (2019). *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo, Editora Elefante. Tradução de Coletivo Sycorax.
- Flick, U. (2009). *Pesquisa qualitativa: por que e como fazê-la*. Introdução à pesquisa qualitativa (pp. 20-38).
- Guimarães, I. M. F. A. S. & Zornig, S. M. A. (2022). Admirável maternidade nova. *Revista Subjetividades, 22(2)*.
- Iaconelli, V. (2012). *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna* [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo.
- Iaconelli, V. (2023). *Manifesto antimaternalista: Psicanálise e políticas da reprodução*. Rio de Janeiro, Zahar.
- König, A. B., Fonseca, A. D. & Gomes, V. L. O. (2008). Representações sociais de adolescentes primíparas sobre “ser mães”. *Revista Eletrônica de Enfermagem, 10(2)*.
- Leite, M. G, Rodrigues, D. P., Sousa, A. A. S., Melo, L. P. T. & Fialho, A. V. M. (2014). Sentimentos advindos da maternidade: Revelações de um grupo de gestantes. *Psicologia em Estudo, 19(1)*.
- Machado, J. S. A., Penna, C. M. M. & Caleiro, R. C. L. (2019). Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. *Saúde Debate, 43(123)*.
- Marin, A. H., Gomes, A. G., Lopes, R. C. S. & Piccinini, C. A. (2011). A constituição da maternidade em gestantes solteiras. *PSICO, 42(2)*.
- Méndez, N. P. (2005). Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. *Mulher e Trabalho, 5*.

- Micelli-Baptista, A., Schulte, A. de A., Ambrosio, F. F. e, Mencarelli, V. L. & Aiello-Vaisberg. (2017). “Nasce um bebê, nasce uma mãe culpada”: Experiência emocional de mulheres mães em rede social. In *O procedimento de Desenhos-Estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso*. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Nasio, J. D. (1995). Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Zahar.
- Nunes, S. A. (2011). Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. *Psic. Clin.*, 23(2).
- Nunes, S. A. (2012). Esperando o futuro: a maternidade na adolescência. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 22(1).
- Oliveira, R. C. (2008). Adolescência, gravidez e maternidade: a percepção de si e a relação com o trabalho. *Saúde Soc.*, 17(4).
- Parker, R. (1997). A mãe dividida: A experiência da ambivalência na maternidade. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos.
- Patias, N. D. & Buaes, C. S. (2012). “Tem que ser uma escolha da mulher!”: Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, 24(2).
- Pesce, L. R. & Lopes, R. C. S. (2020). “O lado B da maternidade”: Um estudo qualitativo a partir de Blogs. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(1).
- Rodrigues, D. P., Rodrigues, F. R. A., Silva, L. M. S., Jorge, M. S. B. & Vasconcelos, L. D. G. P. (2009). O adolescer e ser mãe: Representações sociais de puérperas adolescentes. *Cogitare Enfermagem*, 14(3).
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista De Enfermagem*, 20(2).
- Roso, A. R. & Gass, R. L. (2018). Novos tempos, novos lugares: Reflexões sobre a maternidade em grupos de empoderamento de mulheres. *Psicologia em Revista*, 24(2).
- Santana, P. N. P. (2009). O impacto das representações de gênero na maternidade: um recorte a partir da internação pediátrica. *Revista Bioética*, 17(1).
- Silva, L. A., Nakano, A. M. S., Gomes, F. A. & Stefanello, J. (2009). Significados atribuídos por puérperas adolescentes à maternidade: autocuidado e cuidado com o bebê. *Texto Contexto Enferm.*, 18(1).

- Souza, A. L. F. (2018). Maternidade, culpa e ruminação em tempos digitais. *Revista Ártemis*, 25(1).
- Taperman, D., Garrafa, T. & Iaconelli, V. (2020). *Laço*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Taperman, D., Garrafa, T. & Iaconelli, V. (2020). *Gênero*. Belo Horizonte, Autêntica.
- Tomaz, R. (2015). Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. *Galaxia*, 29.
- Vargas, E. P. (2012). “Barrigão à mostra”: vicissitudes e valorização do corpo reprodutivo na construção das imagens da gravidez. *História, Ciências, Saúde*, 19(1).
- Visintin, C. D. N., Schulte, A. A. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2021). “Meus hormônios me enlouquecem”: Investigação psicanalítica com mommy blogs brasileiros. *Psicologia USP*, 32(180117).
- Zanatta, E. & Pereira, C. R. R. (2015). “Ela enxerga em Ti o Mundo”: A experiência da maternidade pela primeira vez. *Temas em Psicologia*, 23(4).